

# ENSAIOS

---

## REINO CAÓTICO DE EMBARCAÇÕES, DE LUIS SERGUILHA\*

---

E. M. de Melo e Castro\*\*

**M**as, afinal, o que poderá ser isso de poesia? No reino caótico do “cada cabeça sua sentença”, poesia tanto pode ser tudo, como nada ou apenas alguma coisa.

Recordo-me de um leteiro que vi, já há alguns anos, numa exposição de um jovem pintor:

PINTURA É TUDO AQUILO A QUE EU CHAMO PINTURA

Similarmente poder-se-á dizer:

POESIA É TUDO AQUILO A QUE EU CHAMO POESIA

E estará certo, porque a poesia é uma matéria instável, tal como o mar, está sempre a mudar e é sempre o mar.

Vem isto a propósito do mar de palavras que é a poesia de Luís Serguilha. Mar de palavras, imagens, metáforas, intermináveis e diferentemente sempre iguais, podendo os poemas começar e terminar em qualquer delas, em qualquer lugar ou tempo. Um interminável magna de sugestões, um escaldante rio de lava, é o que o leitor recebe, ao ler os poemas deste livro. Mar, magma, rio, lava, ebulição, energia em transfor-

---

\* Recebido em 16.09.2014. Aprovado em: 30.09.2014.

\*\* Português de Covilhã. Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (1998), engenheiro, escritor, poeta experimental, crítico, ensaísta e artista plástico. Diplomou-se em Engenharia Têxtil, pela Universidade de Bradford, em 1956, onde foi professor de Design Têxtil no Instituto Superior de Arte, Design e Marketing. A publicação de páginas especiais dedicadas à poesia experimental, no Jornal do Fundão e no Notícias de Luanda, foi iniciativa sua, sendo também, um dos organizadores do segundo caderno de Poesia Experimental Portuguesa (ver: Poesia Experimental Portuguesa) e de outras publicações como Hidra e Operação I.

mação, são certamente as metáforas que eu, como leitor, recolho destes textos, a que por isso mesmo chamo de poesia. E a contrario senso recordo-me do *Ezra Pound* dos excessivos *Cantos* ou *Cantares*, ele que tinha por norma *condensare* e que entendia que poesia era dizer o máximo no mínimo de palavras. Mas, e se poesia for também dizer quase o mesmo no máximo de palavras?

E se quase o mesmo for um princípio de autossimilaridade, como no caso das imagens fractais, como no caso do mar, como no caso do rio de lava em ebulição?

E se o máximo de palavras for o inesgotável repertório de uma língua, tendendo assintoticamente para o infinito?

Que a poesia se joga e se ganha ou se perde (o que é o mesmo) principalmente na língua, ou melhor, numa língua, isso já o sabemos com Mallarmé e com Jakobson. Mas o que não é comum é encontrarmos um poeta que visceralmente e literalmente se lança sem precauções algumas, no rio em ebulição, ou no mar sem fundo, ou no caudal imparável das possibilidades infinitamente autossimilantes, quer imagísticas quer semânticas, que a sua própria língua lhe proporciona ilimitadamente !

E aí os extremos tocam-se: tanto o excessivo rigor condensado, sobregarregando as imagens poéticas de significados sobrepostos, ocultos, subliminares até, como o excessivo uso das palavras e das imagens autossimilantes, num discurso intensivo de desdobramentos metafóricos inesperados, são manifestações afins e talvez até simétricas dessa capacidade que só o discurso poético detém: o poder de dizer o indizível, de ir além do além, de fazer possível o impossível, deixando marcas indelévels no espírito de quem procura saber ler!

De quem procura saber ler este novo livro de Luís Serguilha, rigorosamente chamado *Embarcações*, como não podia deixar de ser!

*Embarcações*, ou seja, múltiplos instrumentos de viagens flutuantes já desde o tempo dos argonautas que levavam como timoneiro, marcando o ritmo da remada, nada menos que o jovem Orfeu!

Só que hoje, as embarcações são foguetões e o comando é cibernético! Mas as palavras e as emoções continuam as mesmas ou quase as mesmas, tal como as suas capacidades energéticas e imagísticas, regidas pela lei da entropia, ou seja das plurissignificações dinâmicas e, se há textos verdadeiramente entrópicos, eles são estes poemas de Luís Serguilha!

Pelo que ficou escrito até aqui, penso que o leitor pode concluir que os textos que constituem este livro de Luís Serguilha poderão ser tudo menos prosaicos, no sentido corrente desta palavra, visto que uma leitura apenas denotativa seria catastrófica, desaparecendo toda a possibilidade de sentido. Mas isso não afasta a ideia da prosa, ou seja uma organização discursiva que segue interminavelmente sempre em frente, entrecortada apenas por quebras de linhas e por eventuais maiúsculas, num ritmo muito mais respiratório e gráfico que métrico-silábico, por vezes até aleatório. Quanto ao sentido ele depende apenas do encadeamento das conotações e das sequências rítmicas de natureza musical. Uma vez feitas estas observações, cabe perguntar de que tipo

de poemas se trata, pois não são certamente poemas em verso e, se forem poemas em prosa, sê-lo-ão de um tipo muito especial que talvez não tenha ainda classificação... mas, será isso importante? Só o será se dessa classificação depender um conhecimento que ajudará o leitor a melhor ler e entender os poemas. Penso que esse é o caso. Embora em português não exista a palavra para classificar tais poemas, creio que a palavra francesa *recit* poderá ser deslocada do seu sentido original e aplicar-se a este tipo de poema. E porque não, tentarmos a sua tradução como recitação com as suas conotações de oralidade: coisa para ser recitada, ou seja, para ser lida em voz alta?

Efectivamente uma das impressões mais fortes que se recolhe da leitura da poesia de Serguilha é a sua matriz oral, de discurso que não tem fim e que se alimenta da própria música das palavras, adaptando-se mal às limitações do formato da página em branco dos livros. Assim poderá perguntar-se qual a função da respiração na escrita e na leitura destes poemas: será ela que determina o espaço que eles habitam e lhes é próprio?

Quanto à articulação sintáctica das palavras que se precipitam umas após outras, em verdadeiras catadupas, penso tratar-se de uma profunda parataxe mascarada de hipotaxe ou, por outras palavras: à superfície do texto e da performance da leitura parece que a organização das palavras e das frases se faz segundo o modo subordinativo correntemente usado em português e que é predominante nas línguas latinas. Mas, no nível profundo das competências, é de associações enumerativas e combinatórias que se trata, propondo-se o jogo interminável dos múltiplos significados conotativos e da polivalência das imagens e metáforas, a que justamente se chama parataxe. Creio que a isto se deve a sensação de diferença e até de insólito que a leitura destes poemas nos provoca, o que sob o ponto de vista estético, só os valoriza.

O livro encontra-se dividido em três partes com 42, 25 e 28 páginas respectivamente ( no original digitado que o autor me enviou) mas tais divisões não me parecem significativas, já que todo o livro constitui uma só unidade poética que o leitor poderá fragmentar, conforme o ritmo da sua leitura. Este facto aponta mesmo para um texto único que poderá ser lido recombinatoriamente, construindo o leitor as suas próprias sequências, pausas, e o seus próprios sentidos de leitura. Isto é, um texto que comporta intermitências, descontinuidades e saltos, assim só se enriquecendo em termos de fruição e de significados recorrentes ou até ocultos. Ou seja, um texto que está indo na direcção do chamado hipertexto, embora construído e lido apenas no formato livro e no suporte papel. Mas com ele se poderia construir facilmente um hipertexto em suporte informático interactivo.

Não será possível realizar, neste estudo, uma categorização das metáforas ou simplesmente imagens usadas pelo autor, assim como a sua incidência e distribuição estatística. Mas uma leitura atenta logo nos evidencia a grande quantidade de imagens orgânicas, principalmente vegetais e eróticas, o que certamente dá uma coloração vitalista a esta poesia. Também a quase ausência de pronomes pessoais, evidencia uma enunciação neutra, em que o eu está ausente ou é elíptico, tanto como o tu, represen-

tando quanto a mim, um enorme avanço no discurso poético amoroso, porque já é tempo que se diga que a poesia de Serguilha é predominantemente amorosa e erótica. Avanço, porque esse discurso amoroso e erótico se substantiva e autonomiza como escrita de algo que por natureza é íntimo e até oculto, tal como o autor logo avisa nas primeiras linhas deste seu livro, talvez como sendo o objetivo da sua escrita:

*Proteger a dosagem das confidências  
na elasticidade semelhante aos velocípedes da morfina  
que sincroniza os brônquios dos sítios luminescentes  
sobre os baluartes das contemporâneas dissipações.*

Ou será toda a escrita paroxística deste livro apenas uma tentativa de chegar às últimas linhas:

*“Imperceptivelmente a assiduidade das sílabas coroa a auscultação  
desabitada das minúsculas naus  
que removem as aberturas das pulsações no princípio do teu nome”*

Todo o texto sendo o traçar labiríntico dos caminhos finitos (?) infinitos (?) para se chegar a escrever o nome de alguém?